



## Resultado no mês<sup>1</sup>

Em abril de 2022, a performance do Canvas Vector foi de -0.92%. Desde o início do fundo, em dezembro de 2017, o retorno acumulado é de 23.30% (92% do CDI).

Mercados	Retorno				Sharpe
	Mês	Ano	12 meses	Início <sup>1</sup>	Início
Moedas DM	2.94%	2.88%	4.74%	8.96%	0.50
Moedas EM	-1.39%	-0.26%	-0.39%	0.24%	0.01
Juros DM	0.13%	-4.16%	-4.01%	2.37%	0.14
Juros EM	-0.84%	-0.57%	-1.43%	-0.11%	-0.01
Commodities	0.60%	1.33%	0.11%	1.39%	0.24
Crédito	-1.77%	-2.83%	-2.78%	1.69%	0.14
Volatilidade	-0.60%	-1.24%	-0.76%	2.08%	0.11
Renda variável	-0.48%	-0.57%	-0.57%	-2.11%	-0.59
<b>Alfa<sup>2</sup></b>	<b>-1.41%</b>	<b>-5.44%</b>	<b>-5.09%</b>	<b>14.49%</b>	<b>0.36</b>
<b>Alfa FIC</b>	<b>-1.76%</b>	<b>-5.95%</b>	<b>-6.41%</b>	<b>-1.89%</b>	<b>-0.05</b>
CDI	0.83%	3.28%	7.09%	25.19%	-
<b>Total FIC</b>	<b>-0.92%</b>	<b>-2.67%</b>	<b>0.68%</b>	<b>23.30%</b>	-
% CDI	-110%	-81%	10%	92%	-

<sup>1</sup> Lançamento do Canvas Vector: 19/12/2017

<sup>2</sup> Alfa é o retorno das posições em excesso ao CDI

### Performance Acumulada



P&L desde o início	
País/Setor	bps
Chile	520
Reino Unido	347
Alemanha	304
Hungria	280
Suécia	253
Indonésia	186
Semi-preciosos	165
Polónia	162
Vol. de bolsa	160
N. Zelândia	147
Taiwan	138
Agricultura	129
Crédito HY	122
Canadá	110
Europa	110
Israel	99
Romênia	89
Austrália	63
Coréia do Sul	52
Crédito IG	45
Filipinas	-41
Itália	-41
Suíça	-98
Outros	-112
Peru	-113
Turquia	-117
Tailândia	-125
Singapura	-137
México	-142
Noruega	-144
Hong Kong	-147
Argentina	-156
Metais	-171
Índia	-232
Rep. Tcheca	-294

## Mercados

No mês de abril, fortes altas foram observadas nas taxas de juros de países desenvolvidos e emergentes, em linha com o movimento dos últimos meses. Como resultado, o Vector teve perdas no *book* de *Juros EM* e leve resultado positivo em *Juros DM*.

Em relação às moedas, a valorização do dólar americano contra praticamente todos os seus pares levou, no fundo, a resultado negativo em *Moedas EM* e ganhos de maior grau em *Moedas DM*.

<sup>1</sup> Os resultados apresentados referem-se ao Canvas Vector FIC de FIM (CNPJ 28.866.524/0001-89).



À exceção do setor de metais e de alguns produtos agrícolas, as *commodities* também apresentaram tendência de alta. Essa classe contribuiu positivamente com a cota do Vector.

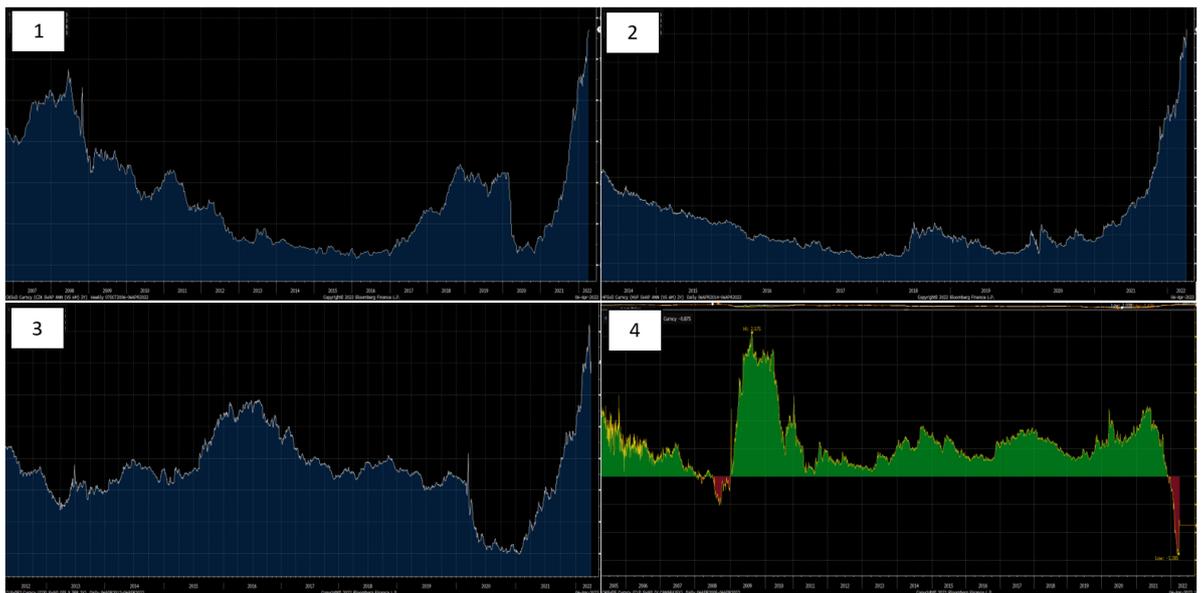
Por fim, em contraste com o mês de março, classes de ativos cíclicas tiveram desempenho bastante negativo. O S&P 500 teve o pior resultado mensal em mais de dois anos, quando se iniciou a pandemia de COVID-19. O VIX, índice de volatilidade implícita da bolsa americana, subiu mais de 12 pontos, revertendo a queda observada na segunda metade do mês passado. Além disso, *spreads* de crédito corporativo passaram por forte abertura. Para o fundo, os *books* de ativos cíclicos tiveram resultado negativo.

### Yield: uma analogia com taxas pré-fixadas

Na conclusão da última Carta, nós mencionamos que a abertura observada nas taxas dos títulos do tesouro americano (*treasury bonds*), apesar de expressiva, não era representativa da carteira de renda fixa do Vector, que contém ativos cujas taxas estão em níveis não vistos nos últimos 15 anos.

Ilustrando esse ponto, nós mostramos, naquela Carta, os gráficos a seguir, com as taxas de títulos da República Tcheca (gráfico 1), Hungria (gráfico 2), Colômbia (gráfico 3) e Chile (gráfico 4), sendo este último o diferencial entre as taxas de 2 e 5 anos, refletindo posição de inclinação da curva de juros.

Taxas de Juros Selecionadas



Fonte: Bloomberg

Na Carta deste mês, conforme antecipado, nós vamos aprofundar a análise acima e explorar as similaridades entre o desempenho do Vector e de ativos de renda fixa.

De maneira resumida, um título pré-fixado garante<sup>2</sup> uma rentabilidade até o seu vencimento. No entanto, antes do vencimento, o retorno acumulado é incerto e depende do movimento na taxa de juros do papel. Adicionalmente, portfólios de renda fixa geralmente trabalham com um objetivo para o prazo médio (*duration*) da carteira, de maneira que as posições devem ser periodicamente “roladas”<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Ignorando-se a possibilidade de calote, o que é uma premissa comum com relação a títulos soberanos denominados em moeda local.

<sup>3</sup> Por exemplo, um título de 5 anos hoje será um título de 4 anos daqui a um ano. Logo, ao longo do ano, poder-se-ia trocar esse título por um de 5 anos. Essa rolagem captura a taxa *forward* atual da curva de juros no trecho entre os dois títulos.



Abaixo, o foco das análises será em possíveis estratégias de maximização dos retornos de longo prazo, assumindo-se que retornos de curto prazo são imprevisíveis<sup>4</sup>.

### Caso 1 – uma única curva de juros

Diversas estratégias de investimento atuam na curva de juros de um único país<sup>5</sup>. Por exemplo, muitos fundos de investimento em renda fixa no Brasil possuem carteiras compostas apenas por papéis emitidos pelo tesouro nacional.

Neste caso, uma estratégia comumente utilizada consiste em “alongar” o *prazo médio* da carteira após movimentos de alta nas taxas de juros e encurtá-lo após quedas. Desta maneira, não apenas a exposição à taxa (a *duration*<sup>6</sup> da carteira) aumenta<sup>7</sup>, como a própria taxa (ou seja, o retorno esperado) tende a aumentar também, dado que, em geral, taxas mais longas possuem um prêmio com relação a taxas mais curtas. Em outras palavras, a estratégia acima equivale a aumentar a posição após uma queda nos preços (alta nos juros) e vice-versa. No longo prazo, o efeito cumulativo dessa abordagem se traduz em um incremento no retorno.

O processo de investimento do Vector faz algo similar, aumentando ligeiramente o risco da carteira à medida que o *yield* dos ativos aumenta – o *yield* é análogo à taxa pré-fixada de um título. Adicionalmente, com o uso de derivativos, aumentos (diminuições) no risco e no prazo da carteira não precisam ser feitos apenas através da compra de títulos mais longos (curtos), mas também por meio de alavancagem. Isso permite que decisões sobre o nível de risco desejado do portfólio sejam independentes daquelas sobre os pontos mais atrativos da curva. Em outras palavras, o uso de derivativos extingue o *trade-off* entre *yield* e *duration*.

O cenário atual é um bom exemplo, pois os níveis das taxas de juros estão elevados, mas as curvas de juros estão relativamente “achatadas”<sup>8</sup>.

Utilizando-se como referência uma posição comprada no título de 10 anos do tesouro americano em 31/dez/2020, e assumindo-se que a taxa livre de risco nos EUA seja 0.85% a.a., a figura 1, abaixo, nos diz que este seria um bom momento para conduzir aumentos graduais no risco (*duration*) da carteira.

---

<sup>4</sup> Isso pode parecer contraditório, pois, se retornos de curto prazo são imprevisíveis, retornos de longo prazo também deveriam ser e, sendo este o caso, não faria sentido falar em “maximização” de retorno. Nas Cartas de setembro de 2021 e de janeiro de 2022, nós abordamos dois temas relacionados: *estratégias de stoploss* e *estratégias dinâmicas* em geral, respectivamente, sendo o primeiro um caso específico do segundo. De maneira resumida, estratégias dinâmicas geram um “retorno estocástico” que se acumula ao longo do tempo. Logo, é possível aumentar (ou diminuir) a relação retorno / risco mesmo assumindo-se que retornos de curto prazo são imprevisíveis.

<sup>5</sup> Um país comumente possui mais de uma curva de juros, refletindo os diversos instrumentos disponíveis. No Brasil, por exemplo, existem papéis que pagam taxas nominais e outros que pagam taxas reais (em excesso à inflação), gerando duas curvas de juros. Em outros países, curvas atreladas ao dólar americano também são comuns. De qualquer forma, com o objetivo de tornar a discussão mais simples e intuitiva, nós vamos focar na curva soberana de juros nominais.

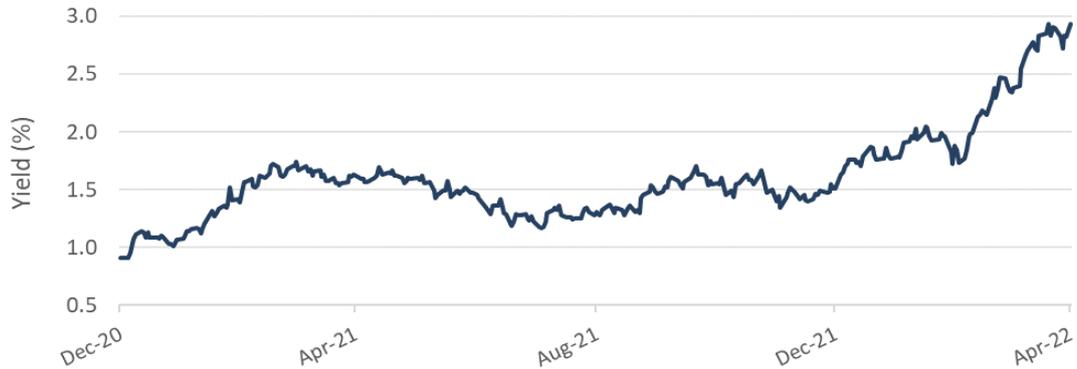
<sup>6</sup> A *duration* é a primeira derivada do preço do título com relação à taxa de juros e é aproximadamente proporcional ao prazo até o vencimento.

<sup>7</sup> Quanto maior o prazo até o vencimento de um título, maior sua sensibilidade a movimentos na taxa de juros.

<sup>8</sup> Taxas longas estão aproximadamente no mesmo nível que taxas curtas.



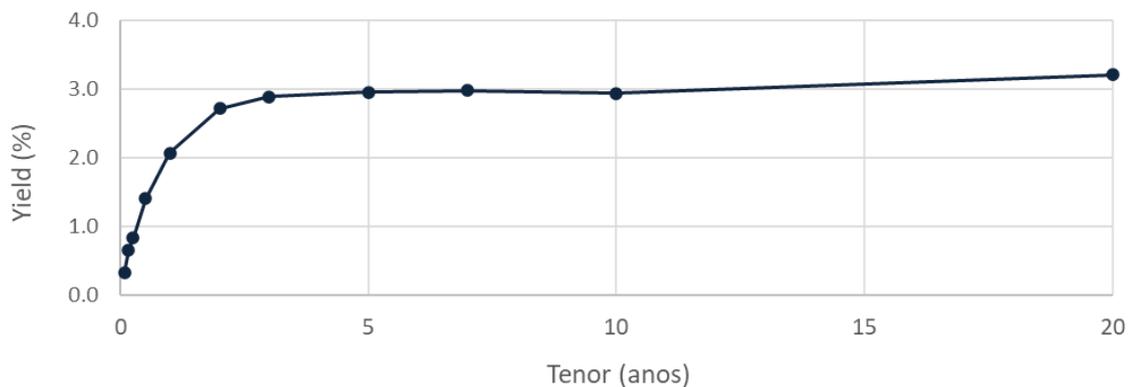
Fig. 1: US Treasury 10 anos



Fonte: Bloomberg

No entanto, a figura 2, a seguir, mostra que a compra de títulos mais longos não aumentaria significativamente o retorno esperado da carteira. Por exemplo, ao migrar do título de 10 anos (*yield* = 2.96%) para o de 20 (*yield* = 3.21%), o prazo médio da carteira praticamente<sup>9</sup> dobraria, mas o incremento no *yield* seria de apenas 25 *bps*.

Fig. 2: curva da US Treasury



Fonte: Bloomberg

Por outro lado, o uso de derivativos nos permitiria, por exemplo, alavancar em 3 vezes um título de 4 anos (*yield* = 2.92%), o que aumentaria o risco (*duration*) da posição em 20%<sup>10</sup> e praticamente triplicaria<sup>11</sup> o *yield* em excesso à taxa livre de risco<sup>12</sup>. Ou seja, essa operação nos permitiria não apenas capturar o aumento nos *yields*, mas fazê-lo de forma mais do que proporcional ao aumento no risco da carteira.

De fato, o Vector segue uma abordagem similar ao monitorar constantemente e fazer alocações de acordo com os pontos mais atrativos de cada curva.

<sup>9</sup> O prazo médio não dobraria “literalmente” devido ao pagamento de cupons.

<sup>10</sup>  $3 \times 4 \text{ anos} = 12 \text{ anos}$  vs 10 anos da posição original.

<sup>11</sup>  $3 \times (2.92\% - 0.85\%) = 6.21\%$  vs  $(2.96\% - 0.85\%) = 2.11\%$

<sup>12</sup> Naturalmente, triplicar o *yield* em excesso à taxa livre de risco não significa, necessariamente, triplicar o retorno em excesso à taxa livre de risco, pois a curva americana, hoje, precifica uma série de altas pelo banco central americano ao longo dos próximos meses. Logo, se a posição for carregada por um período longo, a taxa livre de risco provavelmente será maior que os 0.85% vistos hoje. De qualquer forma, é empiricamente constatado que alavancar a parte curta da curva, em geral, aumenta o retorno de uma posição relativamente ao título que possui a mesma *duration* da posição alavancada.



### Caso 2 – diversas curvas de juros

Ao contrário do exemplo acima, o Vector opera em diversos países, podendo escolher não apenas os pontos mais atrativos de uma determinada curva, como também as curvas com maior prêmio. Esse processo, comumente chamado de *yield pick-up*, nos permite aumentar o *yield* da carteira não apenas de maneira mais do que proporcional ao risco (como no caso acima), mas também de maneira mais que proporcional à queda sofrida.

Para entender isso melhor, vamos voltar ao exemplo anterior, cuja referência é uma posição aplicada no título de 10 anos do governo americano em 31/dez/2020.

No *caso 1* acima, nós mostramos que uma possível estratégia seria alavancar uma posição aplicada na taxa de 4 anos. No entanto, no caso atual, nós poderíamos, alternativamente, alavancar em 4 vezes uma posição aplicada no título de 3 anos do governo neozelandês. Dessa forma, não apenas o incremento no *yield* seria significativamente maior que o incremento no risco, como também estaríamos saindo de um título cuja taxa abriu 2.1% no período para outro cuja taxa abriu 3.7%. Ou seja, estaríamos com uma posição relativamente mais barata, sem ter sofrido a perda diferencial.

É importante notar que as trocas que aumentam o *yield* do portfólio só são possíveis diante de movimentos de abertura nas taxas de juros. Em outras palavras, **a fim de maximizar os retornos de longo prazo, o fundo precisa ser capaz de sustentar perdas de curto prazo.**

Por último, vale mencionar que o exemplo acima implica uma exposição ao dólar neozelandês. Todavia, a carteira do Vector possui uma estratégia de moedas que acomoda as exposições cambiais de maneira consistente com o objetivo de maximização do *yield* do portfólio.

### Caso 3 – diversas classes de ativos

Esse é o cenário mais representativo do Vector, cujo processo de investimento monitora curvas de juros e demais classes de ativos de diversos países, e escolhe, em cada momento no tempo, as alocações que maximizam o *yield* do portfólio, sempre dentro dos limites de risco permitidos.

Aqui, uma pergunta é cabível: se o Vector opera diferentes classes de ativos, por que o foco dessa análise em curvas de juros? E, de forma mais geral, por que o Vector é tão sensível a movimentos nas taxas de juros globais se renda fixa é apenas uma das seis classes de ativos que o fundo opera?

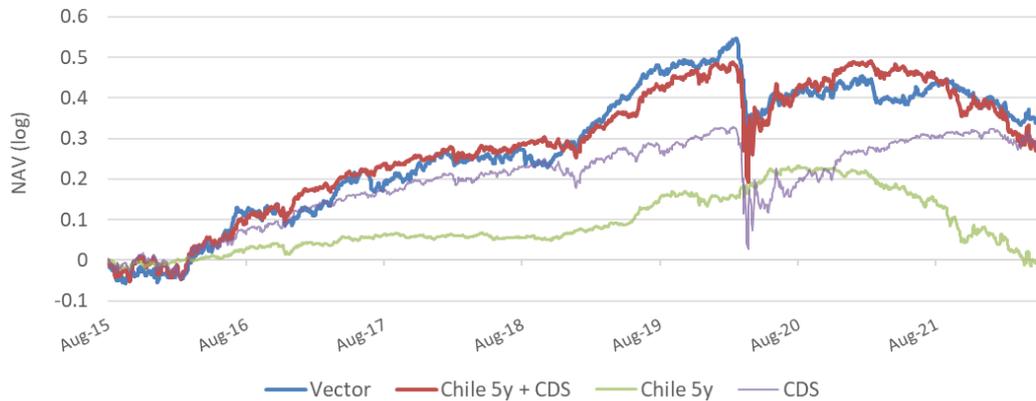
Como nossos investidores sabem, esse é um tópico frequentemente endereçado em nossas reuniões, e a resposta pode ser dividida em duas partes. A primeira é que o nível das taxas de juros afeta o preço de ativos de diferentes classes, uma vez que essas taxas, direta ou indiretamente, são utilizadas para descontar o fluxo de caixa de cada investimento. Por esse motivo, movimentos em taxas de juros relevantes, como as do tesouro americano, tendem a impactar os preços de ações, imóveis, *spreads* de crédito e moedas, entre outros.

Em segundo lugar, a carteira do Vector, cujo processo de alocação é focado em *yield*, contém ativos que são mais sensíveis ao nível das taxas de juros globais. Isto é, mesmo operando diversas classes, a estratégia de investimento e o perfil de risco e retorno do fundo possuem semelhanças importantes com as estratégias de *yield pick-up* descritas acima.

Ilustrando esse ponto, o gráfico a seguir mostra a similaridade entre a cota do Vector e um portfólio que possui apenas dois ativos: um título de 5 anos do governo chileno e um índice de *CDSs* (*spreads* de crédito) corporativos.



Fig. 3: Vector vs. Portfólio Teórico



Fonte: Bloomberg e Canvas Capital

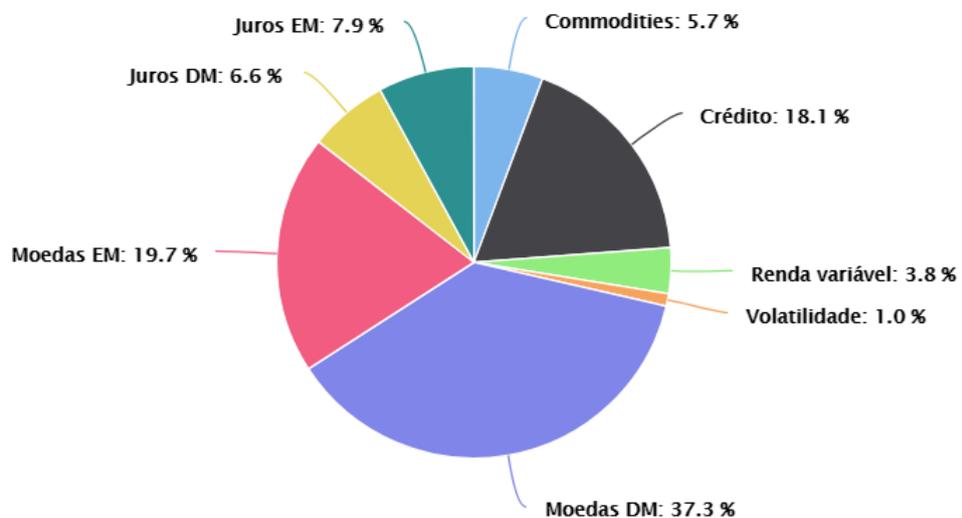
A escolha de papéis chilenos pode parecer arbitrária, e, realmente, eles poderiam ser substituídos por títulos mexicanos, húngaros ou de qualquer outro país cujas taxas abriam consideravelmente. Logo, a escolha do Chile simplesmente reflete o que dissemos no início dessa sessão: a abertura da taxa americana não é particularmente representativa da carteira do Vector.

Por outro lado, a carteira atual do Vector possui mais *valor* do que o que seria consistente com o resultado do fundo ao longo dos últimos 2 anos<sup>13</sup>. Isto é, se os preços dos ativos voltassem aos níveis pré-crise, o Vector teria uma recuperação proporcionalmente maior à queda sofrida, além do componente de *yield* coletado no período.

### Análise da Carteira

Devido ao acionamento de medidas de *stoploss*, as parcelas de risco alocadas nos *books* de ativos cíclicos – volatilidade implícita, crédito e renda variável – foram reduzidas. Como resultado, o risco relativo das outras classes (especialmente moedas) foi aumentado. Conforme explicamos na Carta Mensal de março, os ajustes realizados nos parâmetros da estratégia de *stoploss* ditaram a manutenção do risco reduzido em Juros.

Alocação de risco por classe de ativo - Abril/2022

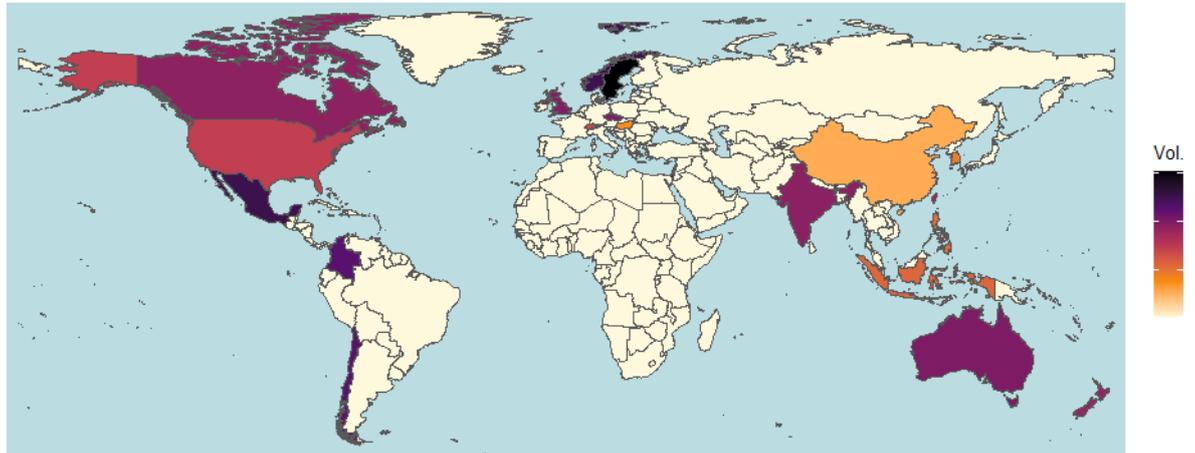


<sup>13</sup> Ativos com valor atrativo são aqueles que estão “baratos” de acordo com alguma métrica de preço justo ou alguma média de longo prazo.



No fim de abril, o *yield* do Vector encontrava-se em CDI + 7.8% a.a., ao passo que o *expected shortfall* semanal do fundo era de 7.5% – isto é, existe, na janela de uma semana, 1% de chance de uma perda de 7.5%.

Alocação de Risco por país - Abril/2022



### Conclusão

A análise acima ajuda a elucidar algo que pode parecer contraditório: as perdas de médio prazo, através das oportunidades que elas geram, são necessárias para a maximização do retorno em horizontes mais longos.

Mais especificamente, o processo de investimento do fundo precisa equacionar os retornos de longo, médio e curto prazos. No longo prazo, o resultado do fundo deve convergir para o *yield* acumulado no período, à medida que movimentos observados em janelas mais curtas se anulam.

Já no curto prazo, os retornos diários e semanais precisam ser consistentes com os objetivos e limites de risco do Vector. Nesse sentido, as diversas políticas de controle de risco do fundo, e, em particular, a estratégia de *stoploss*, têm se mostrado adequadas.

Por último, no médio prazo (algo entre 6 meses e 3 anos), o fundo precisa ser capaz de surfar períodos de retornos positivos (como foi o caso entre outubro/2018 e janeiro/2020) e navegar satisfatoriamente períodos de retornos negativos de forma a maximizar o *valor*, além do *yield*, da carteira.

Os últimos dois anos têm sido um exemplo do segundo caso acima. Em momentos em que taxas de juros globais, *spreads* de crédito e medidas de volatilidade implícita sobem conjuntamente, é pouco provável que o Vector registre retornos positivos. Por outro lado, esses movimentos de médio prazo também tendem a se anular e, à medida que isso ocorre, a “volta” dos preços tende a gerar ganhos maiores, em módulo, que as perdas incorridas nos momentos mais críticos, além do *yield* acumulado no período.

De fato, hoje, a carteira do fundo tem mais *valor* do que o que é explicado pelo seu resultado, além de estar bem posicionada tanto para coletar *yields* elevados em um cenário de estabilidade nos preços, quanto para surfar uma eventual reversão, mesmo que parcial, dos movimentos observados ao longo dos últimos dois anos.



### AVISO LEGAL

A Canvas Capital S.A. ("Canvas Capital") não vende ou distribui cotas de fundos de investimento ou qualquer outro valor mobiliário. As informações contidas nesta apresentação são meramente informativas, não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento em valores mobiliários em qualquer jurisdição, tampouco recomendação para compra ou venda de cotas de fundos geridos pela Canvas Capital, cujas características poderão não se adequar ao perfil do investidor, nos termos da Resolução CVM nº 30, de 11 de maio de 2021.

Recomendamos aos investidores a leitura completa dos regulamentos dos fundos formulário de informações complementares, a lâmina de informações essenciais, bem como da regulamentação aplicável, antes de tomar uma decisão de investimento. Investir em fundos apresenta risco aos investidores. Ainda que o gestor possa usar sistemas de gestão de risco, não há garantia de que será eliminado o potencial de incorrer em perdas pelos fundos e investidores. Os investidores devem estar cientes que os valores dos seus investimentos podem aumentar ou diminuir, e eles podem não ser capazes de recuperar os valores inicialmente investidos e, inclusive, acarretar perdas superiores ao capital aplicado, com a consequente obrigação do investidor de aportar recursos adicionais para cobrir os prejuízos gerados.

Apesar do cuidado utilizado tanto na obtenção quanto no manuseio das informações apresentadas, a Canvas Capital não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem inclusive ser modificadas sem comunicação. A Canvas não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento não deverá, em qualquer hipótese, ser definido ou interpretado como sendo um relatório de análise nos termos do artigo 19 e seguintes da Resolução CVM nº 20, de 25 de fevereiro de 2021, por se tratar de natureza meramente informativa, constituindo tão somente a opinião da Canvas sobre os assuntos abordados pelo presente.

Em relação aos fundos de investimento, as normas da ANBIMA recomendam que a análise de rentabilidade seja efetuada considerando, no mínimo, 12 meses. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de tributos. Os investimentos em fundos não contam com a garantia do respectivo administrador, gestor, proteção do Fundo Garantidor de Crédito ou de qualquer outro mecanismo de seguro para os investidores.

**Canvas Vector CSHG FIC DE FIM** (CNPJ: 28.345.351/0001-53 – Data início 19/12/2017): O objetivo do fundo e a política de investimento visam proporcionar a valorização de suas cotas mediante aquisição de cotas de fundos de investimento que apliquem seus recursos em ativos financeiros e/ou modalidades operacionais disponíveis no âmbito do mercado financeiro, buscando através de estratégias de investimento baseadas em cenários macroeconômicos de médio e longo prazos rentabilidade acima do Certificado de Depósito Interbancário – CDI.

**Público-alvo:** fundo é destinado a receber aplicações de investidores em geral, que busquem a valorização de suas cotas e aceitem assumir os riscos descritos no seu regulamento, aos quais os investimentos do fundo e, consequentemente, os cotistas estão expostos, em razão da política de investimento do fundo. **Classificação ANBIMA:** Multimercado Livre (descrição do tipo ANBIMA disponível no Formulário de Informações Complementares). **Tributação:** Longo Prazo. PL médio (média aritmética da soma do seu patrimônio líquido apurado nos últimos doze meses): R\$108.986.999,95; **Taxa de administração** de 1,40% a.a. Taxa de administração máxima de 1,90% a.a.; **Taxa de performance** de 15% sobre o que exceder 100% do CDI; **Os resgates são cotizados em D+29 e liquidados em D+1** (1º d.u. após a data de cotização). **Taxa de saída** de 5.00% do valor resgatado para resgates pagos em D+0 da solicitação. Não há taxa de saída para resgates programados.

**Administrador:** Credit Suisse Hedging-Griffo Corretora de Valores S.A. (CNPJ: 61.809.182/0001-30) | Rua Leopoldo Couto de Magalhães Jr. nº 700 – 11º andar (parte), 13º e 14º andares (parte), São Paulo, SP, CEP: 04542-000 | Telefone: (11) 3701-8669, Fax (11) 3701-8841 | www.cshg.com.br | Ouvidoria: 0800 772 0100.

**Gestor:** Canvas Capital S.A., (CNPJ: 15.377.863/0001-50), Rua Professor Atílio Innocenti, 165, 15º andar, São Paulo/SP (11) 3185-9200 - www.canvascapital.com.br.

**Canvas Vector FIC de FIM** (CNPJ 28.866.524/0001-89 - Data início 19/12/2017): O objetivo do fundo e a política de investimento visam obter níveis de rentabilidade significativamente superiores ao CDI em um horizonte de investimento de médio e longo prazo. **Público-alvo:** este fundo tem como público alvo os investidores, pessoas físicas e jurídicas, em geral, que busquem obter níveis de rentabilidade significativamente superiores ao CDI em um horizonte de médio e longo prazo. **Classificação ANBIMA:** Multimercado Livre (descrição do tipo ANBIMA disponível no Formulário de Informações Complementares). **Tributação:** Longo Prazo. PL médio (média aritmética da soma do seu patrimônio líquido apurado nos últimos doze meses): R\$796.873.763,49; **Taxa de administração** de 1,40% a.a. Taxa de administração máxima de 2,45% a.a.; **Taxa de performance** de 15% sobre o que exceder 100% do CDI. **Os resgates são cotizados em D+29 e liquidados em D+1** (1º d.u. após a data de cotização). **Taxa de saída** de 5.00% do valor resgatado para resgates pagos em D+0 da solicitação. Não há taxa de saída para resgates programados.

**Administrador:** BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S.A. (CNPJ: 02.201.501/0001-61) | Av. Presidente Wilson, 231, 11º andar, Rio de Janeiro, RJ, CEP:20.030-905 | Telefone: (21) 3219-2500, Fax (21) 3219- 2501 | www.bnymellon.com.br/sf | SAC: sac@bnymellon.com.br ou (21) 3219-2600, (11) 3050-8010 | Ouvidoria: ouvidoria@bnymellon.com.br ou 0800 725 3219.

**Gestor:** Canvas Capital S.A., (CNPJ: 15.377.863/0001-50), Rua Professor Atílio Innocenti, 165, 15º andar, São Paulo/SP (11) 3185-9200 - www.canvascapital.com.br.

Para maiores informações, consulte o site do Gestor: www.canvascapital.com.br ou entre em contato com a área de Relações com Investidores pelo telefone (011) 3185-9200.

